

Dívida externa

19 JUN 1984

Bancos já aceitam rever o problema da Argentina

Basiléia (Suiça) — Os bancos comerciais internacionais estão dispostos a conceder à Argentina os créditos necessários para evitar uma quebra financeira do país, mesmo que não haja um acordo entre Buenos Aires e o Fundo Monetário Internacional (FMI), declarou ontem, aqui, o presidente do Banco para Compensações Internacionais (BIS), Fritz Leutwiler.

Entretanto, o dirigente financeiro considerou o caso argentino "muito especial". A Argentina rejeitou austeridade que lhe foi imposta pelo FMI, principalmente sobre política social, e algumas autoridades financeiras presentes na assembleia anual do BIS, na Basileia, realizada neste final de semana, comentaram que será muito difícil conseguir um acordo entre Buenos Aires e o FMI, e que, de qualquer forma, este acordo pode demorar um tempo considerável.

Mesmo assim, Leutwiler considerou os bancos internacionais, apesar de preferirem esperar um acordo para renegociar a dívida com a Argentina como aconteceu com os demais países endividados nestes últimos anos, estão dispostos a "irem muito longe" para evitar a quebra financeira deste país, cuja dívida se situa em torno dos 45 bilhões de dólares.

Quanto ao Brasil, com uma dívida de 90 bilhões de dólares, o dirigente declarou que a situação é menos favorável que a do México, já que o país precisa

de novos recursos, com os quais aumentará o montante global de sua dívida em 1985. Segundo Leutwiler, os bancos fornecerão dinheiro mesmo que existam a respeito alguns problemas com as instituições norte-americanas de médio porte.

"O México — acrescentou — volta a normalidade dos anos depois de sua crise financeira de 1982 quando tinha uma dívida externa de 90 bilhões de dólares. Agora pode obter créditos bancários pelos canais normais, graças a sua recuperação financeira, que lhe permitirá dispensar novos créditos em 1985 e contar apenas com o refinanciamento normal de sua dívida atual".

Clube de Paris

Enquanto isso, em Buenos Aires, o ministro do exterior Dante Caputo e o ministro da Fazenda, Bernardo Grinspun, se reuniram com o presidente do Clube de Paris, Michael Camdessus, examinando a questão da dívida de 6,2 bilhões de dólares da Argentina para com o grupo.

Camdessus, que é também diretor-geral do Tesouro da França, disse pouco antes de se reunir com Caputo e Grinspun que veio à Argentina "manter uma conversação de amigos". Fontes do governo Alfonsín adiantaram que a Argentina deseja refinanciar 2,5 bilhões dos 6,128 bilhões de dólares de sua dívida para com o Clube de Paris, mas os 14 países do grupo só estariam

dispostos a renegociar 590 milhões já vencidos e 365 milhões de vencimento imediato.

A Argentina possui uma dívida externa global de 41 bilhões de dólares com mais de 300 bancos estrangeiros privados, dos quais deverá refinanciar cerca de 21 bilhões este ano. O governo apresentou na semana passada ao Fundo Monetário Internacional uma proposta unilateral de um plano econômico em busca de um empréstimo contingente que lhe permita também iniciar o refinanciamento de sua dívida com os bancos privados.

A proposta Argentina não foi aprovada por uma missão técnica do FMI, apesar de um mês de negociações com as autoridades de Buenos Aires, devido à decisão do governo de Alfonsín de não alterar sua política de aumentos salariais entre 6 e 8 por cento ao ano acima dos índices inflacionários bem como outros pontos relacionados com o déficit orçamentário. Os técnicos do FMI consideram a política salarial e o déficit orçamentário, os dois fatores mais importantes da enorme inflação de 568 por cento ao ano da Argentina.

O governo anunciou ontem novo aumento salarial de 14 por cento para os trabalhadores do setor privado e elevou o salário mínimo para pouco mais de 6 mil pesos, ou o equivalente a cerca de 130 dólares ao câmbio oficial (aproximadamente 215 mil cuzeiros).

JORNAL DE BRASÍLIA